

# GTPOS

Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

## EDITORIAL

**N**ão por acaso, dedicamos este número do **Boletim GTPOS** ao tema da gravidez na adolescência. Tema delicado, requer cuidado até em sua formulação: é uma questão? um problema? um fato estatístico? Qualquer formulação apressada, pode ganhar uma dimensão adjetiva, desdobrando-se em inúmeras reflexões. Algumas delas, que nos parecem pertinentes ao trabalho que vimos desenvolvendo com adolescentes, procuramos compartilhar com nossos leitores.

A pressa na adoção de estratégias pode ser inimiga da aprendizagem calcada na experiência. Mais do que procedimentos a serem adotados no trabalho com adolescentes, os artigos que apresentamos pretendem tratar de aspectos observados no cotidiano de nossa prática, que podem contribuir e apontar caminhos para a compreensão desta questão.

Como um **pedido especial**, gostaríamos de contar com a colaboração de todos que recebem o **Boletim GTPOS**, respondendo e nos remetendo o questionário encartado neste número, para que tenhamos uma avaliação objetiva desta publicação. Sua opinião será fundamental para nos orientar na continuidade do Boletim no ano 2000.

Desejamos a todos um início de ano com força e disposição para que os sonhos e projetos se concretizem! Um grande abraço,

**GTPOS**

## A pregação da abstinência sexual – solução para a questão da gravidez na adolescência?

por *Silvio Duarte Bock*

**A** questão da gravidez na adolescência vem ganhando espaço como um dos grandes problemas a ser enfrentado na atualidade. O governo divulga dados para reforçar a idéia de que a gravidez na adolescência é um problema alarmante, vejamos: “698.439 partos em adolescentes de até 19 anos foram realizados pelo SUS em 1998... 31.857 dessas parturientes eram meninas entre 10 e 14 anos”<sup>1</sup>. A revista *Veja* inicia um artigo sobre o tema da seguinte forma: “A Gravidez na adolescência é um desastre na vida de qualquer menina”.<sup>2</sup>

De fato, os dados censitários apontam um intrigante fenômeno, enquanto a taxa de fecundidade das faixas etárias adultas vem decaindo em todo o mundo e particularmente mais rapidamente no Brasil, esta taxa aumenta na faixa etária denominada adolescente (dos 12 aos 19 anos).

Sob várias nomenclaturas, a temática surge carregada de ideologia. Às vezes aparece sob o nome de **gravidez precoce** que pressupõe uma idade mais adequada para a procriação. Mas será que há um ponto ótimo de maturidade orgânica e psicológica para que a mulher tenha filhos? Os dados históricos provam que mais do que esta maturidade, a idade ideal é dada por fatores socioculturais e econômicos.

**Gravidez indesejada** - pressupõe que a fecundação ocorrida sem intenção torne toda a gravidez como indesejada. A consequência seria trazer sérios riscos ao bebê que vai nascer (pelo provável abandono ou cuidados inadequados) e também, por prejudicar um certo “desenvolvimento natural” da adolescência.

Vários estudos têm demonstrado que nem toda gravidez na adolescência é inadequada como de-

## A pregação da abstinência sexual – solução para a questão da gravidez na adolescência?

### CONTINUAÇÃO

monstra a pesquisa de Oliveira<sup>3</sup> com um grupo de adolescentes grávidas, onde se constata que “Apesar de 89,02% referirem não terem querido engravidar, a gravidez foi tida como aceita por 87,80% das jovens... Note-se que somente 1,92% deu resposta indesejada para a gravidez” (p. 39).

Oliveira ainda conclui que a gravidez não é necessariamente causadora de abandono da escola ao perceber que as adolescentes que não tinham problemas com a escola anteriormente à gravidez, tendem a continuar seus estudos após o parto, quando há certa estrutura familiar de apoio.

Logicamente que uma gravidez e sua consequência um filho, são novos elementos que alterarão significativamente a vida da pessoa, mas não poderíamos dizer o mesmo para adultos que até planejaram sua gravidez?. A gravidez e filhos sempre serão dados novos para qualquer pessoa e de modo significativo alterarão o modo de vida que se levava anteriormente, para melhor ou para pior dependendo do julgamento da própria pessoa.

**Gravidez não planejada** – pressupõe que a gravidez resulta de um descuido, provavelmente por falha pessoal ou problema de uso de anticoncepcionais. Mas uma gravidez não planejada não precisa ser necessariamente indesejada. Em muitos casos de adolescentes grávidas, ocorre este fenômeno, a gravidez é não planejada mas passa a ser (ou até foi) desejada.

A pregação da abstinência sexual seria uma solução? Não acreditamos que uma campanha pelo adiamento do início da vida sexual seja a resposta adequada pois ela transformaria a questão numa mera demanda moral: será que as meninas de hoje são menos recatadas que as de antigamente?

A fecundação na adolescência é um fenômeno integrado à ordem social, política, econômica e cultural. Precisamos discutir qual a perspectiva educacional, de lazer, econômica, a sociedade oferece a estas meninas e por que não, para os meninos também. Maria L. Heilborn, analisando a questão sob o olhar da antropologia, identifica diferentes significados para a sexualidade, fecundação e saúde con-

frontando grupos populares com grupos de camadas médias. “A ênfase no valor família exibe seu maior vigor no que se refere à prevalência do grupo sobre o indivíduo na constituição da identidade social da pessoa” (p. 26)<sup>4</sup> e por isso a gravidez na adolescência pode ter outro significado e até mesmo ser uma forma de valorização do indivíduo perante a sua comunidade.

O risco dessa campanha moralista é estigmatizar os jovens, alguns como puros e outros impuros.

A presunção de que a gravidez é um desastre na vida da adolescente fantasia a idéia de que este período na vida de qualquer menina é róseo, desprovido de grandes problemas, angústias e dificuldades. Tal visão generaliza e naturaliza a adolescência como um fenômeno natural e biológico. A adolescência é um fenômeno cultural e é vivido de forma diferenciada pelos vários grupos e classes sociais.

A orientação sexual, processo sistemático de reflexão sobre a sexualidade, poderia contribuir na diminuição da gravidez na adolescência. Não como uma campanha de abstinência. O processo prevê a discussão em oficinas e seminários ou mesmo nas diversas disciplinas escolares, como tema transversal, de vários assuntos que direta ou indiretamente têm a ver com a questão, como por exemplo o conhecimento do corpo, relação sexual, prevenção à DST/AIDS, primeira vez, virgindade, amor, afeto, gravidez, filhos, namoro, anticoncepção, relações de gênero e tantos outros que trariam condições para rapazes e moças tomarem suas decisões no que se refere à sua sexualidade e saúde reprodutiva.

**Há um ponto ótimo de maturidade para ter filhos?**

### NOTAS

1 Jose Serra – “Gravidez Precoce: drama sem final feliz” – Jornal Folha de São Paulo, 25/8/99

2 Revista Veja – edição 1620 de 20/10/99 – Filhos cedo demais – Pesquisa mostra que adolescentes estão procriando antes da hora.

3 Oliveira, Nancy R – Perfis de Grávidas e Mães Adolescentes: estudo psicossocial de adolescentes usuárias de um serviço público de pré-natal e maternidade – SP, 1999, USP, tese de doutoramento.

4 Maria Luixs Heilborn – palestra inaugural – Gravidez na Adolescência: Considerações Preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social – in seminário Gravidez na Adolescência.

## PROGRAMA PAPAÍ: Um olhar de gênero sobre a gravidez na adolescência

por Jorge Lyra & Benedito Medrado

O programa Papai, um serviço diretamente voltado ao pai adolescente, surgiu como resultado da dissertação de mestrado de Jorge Lyra, intitulada *Paternidade na adolescência: uma proposta de intervenção*. Nesta pesquisa, identificou-se um verdadeiro muro de silêncio sobre a paternidade na adolescência nas diversas instituições que, direta ou indiretamente, trabalhavam com populações adolescentes. Em linhas gerais, a paternidade na adolescência não era tematizada ou, quando raras vezes tornava-se objeto de preocupação, era percebida como ausente, irresponsável e indesejada.

A equipe do Papai passou

então a problematizar este silêncio, considerando que, mesmo se um adolescente quisesse, em nossa sociedade, posicionar-se como pai, teria que enfrentar desafios e obstáculos sociais de várias ordens. Apreendemos uma relação inversa da sociedade adulta com o adolescente: ao patologizar a paternidade na adolescência, sempre e por princípio, acaba por patologizá-la invariavelmente, dificultando ao adolescente pensar, prevenir ou assumir sua condição de pai.

Dentre as intervenções propostas, estão atendimentos individuais e atividades em grupo com pais adolescentes, a partir de uma abordagem psicosso-

cial, com ênfase no diálogo e informação, focalizando questões relativas à gestação, cuidado infantil e parentalidade (paternidade e maternidade); apoio e diálogo nos diversos aspectos da vivência da paternidade; discussões sobre relações de gênero nos contextos público e privado. Essas atividades visam também promover uma maior familiaridade desses homens – pais ou futuro pais – no contexto do atendimento pré-natal.

**PROGRAMA PAPAÍ:**  
Rua Acadêmico Hélio Ramos,  
7º andar. Recife/PE  
CEP 50740-530  
fone/fax(081) 271.4804  
e.mail papai@npd.ufpe.br

## RECAD O A O S E D U C A D O

### Para trabalhar o tema “gravidez na adol

por  
Elisabeth Bahia  
Figueiredo

Como sugestão para o trabalho com grupos de adolescentes de 14 a 20 anos, apresentamos esta técnica para o tema gravidez na adolescência:

Materiais necessários: papel sulfite, canetas coloridas e fita crepe.

✓ Distribuir papel e caneta ao grupo e pedir para que pensem na sua infância, o que mudou, como estão agora e quais são seus planos de vida e sonhos para o futuro. Pedir para colocarem seus sonhos e planos de vida no papel e colarem na parede ou pendurarem num varal improvisado.

✓ Todos podem caminhar pela sala e conhecer os sonhos dos colegas.

Normalmente, entre os so-

nhos estão: estudar, namorar, passear, viajar, fazer faculdade, trabalhar, ficar rico, ser um/a grande empresário/a, casar, ter filhos e outros.

✓ Divide-se o grupo em 2 e pede-se para cada grupo imaginar que uma garota ficou grávida. Diante disso, cada grupo irá discutir, podendo até dramatizar, sobre como e quanto esta gravidez vai modificar seus planos e sonhos: quais poderiam ou não ser concretizados, ou teriam que ser adiados? Quais serão os novos sonhos ao saber da gravidez? Como será comunicar ao namorado e aos pais? Quais as possíveis soluções para esse dilema? E quanto ao garoto “grávido”? Quais são seus sentimentos? Quantos de seus planos também

serão adiados ou talvez nunca concretizados? E quais serão acrescentados?

✓ Enquanto os grupos discutem e/ou preparam a dramatização, a postura do educador será problematizar e estimular a expressão das idéias, medos e dúvidas. Várias discussões virão à tona, propiciando maior aprofundamento e reflexão sobre o tema. Entre as questões mais frequentes estão as relações de gênero; o medo que as meninas têm de ser rejeitadas se fizerem alguma exigência quanto à contracepção ou prevenção das dst/aids; a dificuldade que têm para conversarem e de quem é a responsabilidade na contracepção; o desconhecimento do próprio corpo; a falta de atendimento em saúde pública volta-

PARA ALÉM DO POLÍTICAMENTE CORRETO,  
AQUI CABEM AS MAIS ATREVIDAS INDAGAÇÕES

## Idade para quê?

por Antonio Carlos Egypto

**ATENÇÃO  
NÃO ESQUEÇA:**

**RESPONDA O  
QUESTIONÁRIO  
ANEXO NESTE  
BOLETIM**

**R E S**

## lescência”

da ao adolescente; o desconhecimento e a falta de informação sobre os métodos contraceptivos; a mudança abrupta ao ter que assumir seu papel na vida adulta; de quem será a responsabilidade de prover a renda; onde ou com quem morar e muitas vezes no caso da mulher, a gravidez nem sempre será compatível com os estudos.

Essas discussões seguidas ou não de dramatização, poderão promover uma ampliação reflexiva sobre a responsabilidade com a vida sexual, sobre a importância da prevenção, não só da gravidez, mas também das DST e da Aids.

► **Elisabeth Bahia Figueiredo é membro do GTPOS**

Quando se diz que algo é “precoce”, há a suposição de que existe o momento certo ou a idade certa para que aquilo aconteça. Precoce é, por exemplo, Mozart compor sinfonias aos nove anos de idade. Mas nem sempre as coisas são assim tão evidentes...

Shakespeare conduziu a mais bela história de amor da humanidade para um trágico desfecho. Mas se tudo tivesse dado certo para “Romeu e Julieta”, eles se casariam e teriam filhos em plena adolescência. Aos 14 anos estava na hora de Julieta constituir família e procriar. Era esta a expectativa social. Tudo muito precoce para os nossos tempos, não é mesmo? Mas por quê? Está claro que o mundo mudou, e muito, do século XVII para cá, mas o essencial da história permanece atualíssimo. Então, é indispensável saber que critérios estamos usando para avaliar a situação hoje.

Vejamos algumas leis brasileiras em vigor.

Aos 16 anos de idade, nossa legislação considera que o indivíduo está apto para ser um cidadão completo, tanto assim que lhe dá o direito de votar para presidente da república, uma tremenda responsabilidade! Já para dirigir automóvel é preciso mais maturidade: não antes dos 18 anos. Também não se pode beber, ver certos filmes, nem ser imputado criminalmente antes dessa idade. Quer dizer que os instintos, controles, reflexos e as responsabilidades sociais ainda não estão suficientemente desenvolvidos, mas o senso cívico e o sentido da razão política, sim? Agora, se o nosso cidadão que vota para presidente quiser tocar sua vida econômica autonomamente, abrir um negócio, aí só aos 21 anos. Como é possível que alguém só seja capaz de responder por sua vida pessoal e econômica cinco anos depois de influir nos destinos de seu país?

Não há lei que determine isso, mas a verdade é que se supõe que aos 40 anos de idade não é mais hora de obter emprego, nem se espera que a mulher ainda deseje gerar filhos. Empecilhos biológicos ou preconceitos sociais?

O que é “precoce” ou “tardio” depende de um conjunto tão grande de variáveis e pode ser tão subjetivo que é muito difícil ser assertivo quanto a este tema. Não é à toa que há tantas contradições na legislação.

Sabemos que existe um grande número de pessoas que engravidam sem desejar e sem planejar. Outras que sofrem violência sexual e engravidam em decorrência do estupro de que foram vítimas. São situações claras, onde é possível agir, tentar prevenir ou reparar.

Mas quando nos assustamos frente à vida sexual iniciada precocemente e falamos de gravidez antes da hora, qual é o nosso parâmetro? Há uma expectativa embutida aí que não é explicitada. Queremos adiar o início da vida sexual, reduzir parceiros, pregar abstinência? Até quando e por quê? Com base em que valores? Sem ter clareza destas respostas, é complicado.

Prevenir riscos para a saúde também pode virar um papo moralista, é ou não é?

# Gravidez não é doença

por Elisabeth Maria Vieira Gonçalves

Ultimamente os discursos que ouvimos sobre a adolescência, trazem como preocupação central o início da vida sexual precoce (13,14 anos) e como consequência os riscos de uma gravidez indesejada, infecção pelo HIV/AIDS e as demais DST.

O foco está na prevenção das doenças e não na promoção da saúde e bem estar sexual dos adolescentes. Isto é um equívoco! O Ministro da Saúde recentemente chegou a expressar que pretende realizar uma ampla campanha de “combate” à gravidez. Gravidez não é doença!

*Prevenir* a gravidez não desejada ou não planejada requer uma reflexão sobre os diferentes motivos que levam os garotos e garotas a engravidar. Muitas vezes, a gravidez tem como resultado abortos praticados em condições de riscos. Porém, não podemos negar a existência da gravidez desejada nesta faixa etária. O sonho da menina de ser mãe, a valorização da maternidade como forma de inserção social, o fato de acreditar que com a gravidez mantém a relação com o namorado, enfim, a gravidez pode fazer parte do projeto de vida da adolescente ou muitas vezes, ser o projeto.

Estamos lidando com a diversidade e ambigüidade dos desejos de meninos e meninas que esbarram e conflitam com os desejos que os adultos projetam para a vida dos adolescentes.

As dificuldades que enfrentam hoje, e no início do próximo século, estão relacionadas com transformações profundas e ameaças a sua trajetória de vida. São jovens de 11, 12, 13 até 21 anos com futuros incertos. Adolescentes que têm uma vida sexual, antes mesmo que o adulto a reconheça, vivendo condições de desigualdade social, de gênero, raça e etnia. Muitos deles, também, atingidos pela violência e danos decorridos do uso indevido de drogas.

Como fazer com que nossas intervenções realmente contribuam para que os adolescentes sejam felizes e possam cuidar-se e proteger-se de situações que os colocam em risco?

Ora estigmatizados, ora super valorizados

nos meios de comunicação, em instituições de saúde e educação, os jovens são desencorajados a lutar por seus ideais. Chamados de irresponsáveis, consumistas, individualistas, passivos, acomodados... Construimos assim uma imagem muito ambígua do ser adolescente, dificultando a eles se colocarem como protagonistas de um processo de mudança de consciência, sujeitos capazes de mudar estruturas e criar o novo.

A situação de vulnerabilidade dos adolescentes que os expõe à situações de risco frente à infecção pelo HIV/AIDS, DST e à gravidez indesejada requer um olhar para a diversidade, desconstruindo discursos autoritários e moralistas e promovendo ações educativas que articulem os vários aspectos (individuais, sociais e institucionais) que envolvem a prevenção. Reconhecer os jovens como sujeitos de decisão e escolhas de acordo com seus valores, expectativas, necessidades e crenças pessoais.

Muitos adolescentes desejam agir, participar de ações de transformação que visam a construção de uma sociedade melhor, pois assim estarão viabilizando seus sonhos. Porém, falta-lhes espaço para expressar suas angústias e sonhos e realizar projetos. Falta-lhes oportunidade de orientação, acolhimento e condições de pertencimento.

Precisamos somar. Ampliar áreas de atuação pela construção de redes com diversos projetos que envolvam adolescentes – na área de cultura, justiça, saúde e educação.

Em cada ponto de sua trajetória de vida, diferentes tipos de apoio são necessários: escola, trabalho, moradia, vínculos afetivos, condições para exercer sua autonomia e liberdade de escolha...

A vivência de sua sexualidade com responsabilidade só será possível na medida em que os espaços de participação social reconheçam o adolescente como sujeito de fato, possibilitando dessa forma o aprendizado e o exercício da responsabilidade em todos os âmbitos de sua vida.

O foco deveria estar na promoção da saúde e bem estar sexual

# CURSOS DO GTPOS

## BOLETIM GTPOS

é uma publicação trimestral do GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual financiada pela Unesco e CN DST/AIDS - Ministério da Saúde.

**Coordenação Editorial:**  
Francisca Vieitas Vergueiro

Endereço do GTPOS:  
Rua Monte Aprazível, 199  
Vila Nova Conceição  
04513-030 São Paulo/SP - Brasil  
Fone (011) 822.8249  
Fax (011) 822.2174

### EQUIPE DO GTPOS:

**Presidente de Honra:** Marta Suplicy  
**Presidente:** José Luiz Brant de Carvalho  
**Vice-Presidente:** Ricardo de Castro e Silva

Antonio Carlos Egypto, Dalva Taveira Menocci, Elisabeth Bahia Figueiredo, Elisabeth Maria Vieira Gonçalves, Francisca Vieitas Vergueiro, Maria Aparecida Barbirato, Maria Cecília Pereira da Silva, Maria Cristina Domingues Pinto, Maria da Glória Camargo Macruz, Maria Rosa da Silva, Ricardo de Castro e Silva, Rosângela Maria Rigo, Silvío Duarte Bock e Yara Sayão.

**Colaboraram nesta edição:**  
Antonio Carlos Egypto, Elisabeth Bahia Figueiredo, Elisabeth Maria Vieira Gonçalves e Silvío Duarte Bock.

**CDI - Centro de Documentação e Informação:**

Atendimento: Leonardo Acquaviva Pavez  
Bibliotecária: Clara A. M. Ruggiero - CRB/8-5571  
Consultoria: Maria Delcina Feitosa

**Captação de recursos:** Cecília Apostolopoulos

**Secretaria:** Rita de Cássia Ap. S. Pereira, Valquíria Silva

**Apoio:** Fundação MacArthur

**Jornalista responsável:** Nelma de Fátima Firmiano (MTB 13582)

**Projeto Gráfico e Edição de Arte:** Moema Kuyumjian

**Impressão:** Gravasa  
**Tiragem:** 8.000 exemplares

## DIAS 14,15 e 16 de abril de 2.000

**Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com crianças - 16 horas de duração**

## DIAS 18, 19 e 20 de fevereiro de 2.000

**e 26, 27 e 28 de maio de 2.000**

**Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com adolescentes - 16 horas de duração**

## OFICINAS DE PREVENÇÃO ÀS DST/AIDS PARA EMPRESAS

**Projetos elaborados de acordo com a solicitação e necessidade de cada empresa**

*Informações e inscrições pelos telefones:*

*(0xx11) 822.8249 e (0xx11)822.2174*

*Os pagamentos podem ser parcelados em duas vezes.*

## CICLO DE DEBATES NA SEDE DO GTPOS:

Convidamos os educadores que tiverem interesse, para aprofundar ou debater com a equipe do GTPOS alguns dos temas relacionados ao trabalho de Orientação Sexual, nas seguintes datas:

**27 de março, às 20 hs: "Orientação Sexual nas escolas e os Parâmetros Curriculares Nacionais"**  
Coordenadora: Yara Sayão

**24 de abril, às 20 hs: "A prevenção possível ao uso indevido de drogas"**

Coordenador: Antonio Carlos Egypto

**29 de maio, às 20 hs: "Gravidez na adolescência"**  
Coordenadoras: Elisabeth Bahia e Elisabeth Gonçalves

**26 de junho, às 20 hs: "A redução de parceiros na prevenção das DST/aids"**

Coordenadora: Maria Aparecida Barbirato

## S E R V I Ç O

### ATENDIMENTO DO CDI

O Centro de Informação e Documentação é um serviço do GTPOS aberto ao público.

Nossa biblioteca e videoteca são especializadas nos temas: sexualidade, DST/Aids e drogas.

Além dos livros e vídeos, dispomos de apostilas, relatórios, manuais, cartilhas, anais de congressos, artigos veiculados na mídia. Todos os itens podem ser consultados no local. Fornecemos listagens e indicações bibliográficas por fax, correio e e-mail.

Rua Monte Aprazível, 199 – Vila Nova Conceição - São Paulo - CEP 04513-030

Fax: (011) 822.2174 / Tel: (011) 822.8249

Atenção para os novos endereços eletrônicos:

[gtpos@that.com.br](mailto:gtpos@that.com.br)

[cdi@that.com.br](mailto:cdi@that.com.br)

Netsite: <http://web.that.com.br/gtpos>

Horário de funcionamento do CDI: segunda à sexta-feira, das 13h30 às 17h30

BOLETIM Nº 17 OUTUBRO/DEZEMBRO 99

# GTPOS

GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

Fone (011) 822.8249 Fax (011) 822.2174

Rua Monte Aprazível, 199 – Vila Nova Conceição

CEP 04513-030 – São Paulo/SP – Brasil



IMPRESSO FECHADO

Podem ser abertos pela ECT